Órgão do CENTRO CULTURAL "EUCLIDES DA CUNHA"

Tapejara

PONTA GROSSA
PARANÁ — BRASIL

Diretor: Faris Antônio S. Michaele
Secretário: Daily Luiz Wambier
Gerente: João Alves Pereira

Ano I — Ponta Grossa, 3 de setembro de 1950. — N.º 1

Tapejara

O Século XX, disse-o alguém, entre outras particularidades que apresenta, constitui, de maneira iniludível, a consagração do mito.

Noutros têrmos, em meio à geral inquietude dos tempos modernos; extraviado no bulício inervante da época atual; impotente, enfim, ante as sombrias perspectivas do imenso cósmos em ebulição, a que assiste, vai-se o espírito humano, a pouco e pouco, distanciando da realidade para ensimesmar-se e, como corolário, entregar-se, completamente, ao mito com suas infinitas fantasias.

Daí, então, que se nos deparem criações míticas raciais, lingüísticas, nacionais, históricas, econômicas, políticas e outras mais, confundidas, as mais das vezes, umas com as outras, e, quase sempre, para desgraça do homem e atraso da sua marcha ascensional.

Racismos nazistas, comunismos econômicos, ressurreições teocráticas de vários gêneros, vão, assim, dentro da maior receptividade ambiente, impondo seus postulados, forçando seus princípios, implantando suas ambições, como imperativos categóricos, a que não há fugir.

Tudo isso é mito e está, portanto, em consonância com a incerteza, provações e confusão espiritual do momento.

Contrastando com semelhante desvio da realidade, eis se nos deparam em todos os países americanos (ou, ao menos, em sua grande maioria) um como despertar de energias criadoras, um como grito de atávica auto-consciência, uma como iniludível compreensão de inatas possibilidades e inclinações.

Agora, mais do que nunca, perfeitamente integrado na magia ecológica que o circunda, sente o habitante do Novo Mundo não poder, a menos que se lhe avilte a personalidade, relegar a plano secundário o incomparável da natureza americana, o soberbo das suas tradições e passado de glória das civilizações pre-colombianas, a própria identificação fraternal pelo comum lastro amerindio.

Com efeito, ao lado do Panamericanismo, idealizado pelas tendências socio-políticas das últimas décadas, erguese, agora, igualmente imponente e invencível, o Indoamericanismo cultural, histórico, telúrico.

E nem poderia ser de outro modo.

Se habitamos novas plagas, com novos elementos naturais, nova cultura, novas raças, novos fatos históricos e novos nomes, como permanecermos exatamente iguais aos colonizadores, só em parte nossos antepassados?

As próprias figuras regionais, com seus curiosos meios de vida e peculiaridades gerais, nô-lo sugerem, a todo instante.

Gaúcho, jagunço, vaqueiro, rastreador argentino, vaqueano, TAPEJARA... TAPEJARA é têrmo generalizado pelo Brasil. Etimologicamente, vem do tupi tapé ou pé, caminho, estrada, e jara ou yara, senhor, conhecedor Literalmente, senhor do caminho, guia, condutor...

Nas brenhas ainda quase virgens dos pés dos falsos civilizados, que expressão mais geral, sugestiva e congraçadora do que esta?!

Veículo do Centro Cultural "Euclides da Cunha", "TAPEJARA", ao mesmo tempo que procurará divulgar a mensagem euclidiana pelo Brasil afora, desempenhará, igualmente, o papel de porta-voz da fraternidade cultural em geral entre o Brasil e seus irmãos da Indo-América, esta Indo-América tão rica em homens e idéias.

Ao lado da reabilitação do sertanejo para revelação da existência de incomparáveis intelectos e caracteres ainda em estado potencial, quando não, em franca fase de realização, empreenderá, o novo órgão da pujante instituição pontagrossense, trazer ao nosso convívio figuras exponenciais do Brasil e do continente, levando-lhes, como singela retribuição, o testemunho da nossa boa-vontade, consciência continental inegável e imutável vocação de servir a êste continente, de propagar a sua cultura e promover a união permanente de seus homens e suas coisas.

Êste o significado de "TAPEJARA".

EUCLIDES DA CUNHA

Por Faris Antonio S. Michaele

Damos início, hoje, às comemorações euclidianas, da cidade de Ponta Grossa.

Dizer-vos o que isto representa é inteiramente desnecessário, pois todos teríão acompanhado as atividades do Centro Cultural "Euclides da Cunha" e o muito que vem fazendo por que se divulgue a mensagem do grande estilista e patriota.

Simultaneametne, duas cidades do interior brasileiro — São José do Rio Pardo e Ponta Grossa — estão, neste momento, reverenciando a memória do autor de "Os Sertões", uma congregando elementos de todo o Brasil, com um programa assás significativo, outra não indo além dos componentes locais do quadro de associados, ambas, porém, movidas do mesmo afã grandioso e ambas se esforçando por superar-se, em zêlo e entusiasmo.

Sendo esta a primeira das palestras, limitar-me-ei ao esbôço dalguns traços do vulto de Euclides da Cunha, que muito mais restará por dizer, mas subsequente.

Figura única, em nossas letras, a de Euclides da Cunha. Foi-o pela erudição, pelo temperamento, pelo estilo.

Dominador incontestável da cultura ocidental, vesgastou-lhe, no entanto, quanto pôde, as deletérias influências, ônus e r v áveis aqui como ali, consubstanciadas no pernosticismo alvar de espíritos menos avisados.

Imbuido da essência dum racionalismo formal; assimilando em cheio as criações dum logicismo por demais helênico para não ser francês; profundamente infenso, mesmo, ao conservatismo piegas de um mundo com pretensões a permanente; tudo estava a denunciar-lhe invulgar obsessão inovadora, no seio de comunidades marcadamente retardadas.

E a própria complexidade imprevista dum temperamento reservado, do mesmo passo, conspirava por sugerí-lhe, numa como aparetne insinuação, normas outras de conduta, inspirando-lhe diretrizes inteiramente novas, pronunciadamente revolucionárias.

Nada mais ilusório, todavia.

Altivo, sagaz, sincero, os mínimos atos lhe refletiam inegável rigidez de caráter, forma ressumada da convergência de atávicos elementos, talvez. Porque, a bem falar, os seus extraordinários rasgos de bravura, o senso de justiça que lhe caracterizava as atitudes, a pureza de alma, enfim, com que se abria aos íntimos, lembrando-nos o lado apreciável do luso-amerindio, explicam-nos o nomadismo de Euclides, por igual.

De outro lado, a magia ecológica, extasiando o engenheiro, transmuda-o em fiel de nobre crença, adstrito à excelsitude telúrica, ao vivo e morto da paisagem ambiente, ao comovedor conjunto panteista que às mentes sutis é dado vislumbrar.

Como todos nós, Euclides era um civilizado e era um bárbaro. Imaginação prodigiosa a serviço duma inteligência coruscante, sempre desdenhou o pedantismo vulgar da mesticada que, na metrópole brasileira, o rodeava, deixando claro preferir, ao seu, o convívio do sertão. Dest'arte, a sua afeição pelo Brasil interior pede meças à do próprio Couto de Magalhães.

E tal característica constitui, de certa maneira, como que remoto brado de rebeldia cabocla, verdadeira voz de alerta do eterno cerne autóctone, de seus mais variados elementos e valores, contra as importunas obtenções e aquisições culturais da faixa litorânea, oriundas, antes, dos dois outros elementos formadores da nacionalidade.

Entretanto, essas tendências, não há contrapô-las num "vis-á-vis" absoluto. Dir-se-ia traduzir, a amerínda, insofismável vocação conciliatória, inclinação a expungir exclusivismos e aristocracias, reserva, em suma, de qualidades cívicas nem sempre bem compreendidas. Se Feijó preserva a monarquia, é Floriano quem salva a república. E quando quer que, nas mais rastêneias mãos da sub-raça do litoral, maus fados a Pátria acossem, impassível e insuperável, aí estará, para resgatá-la, a fibra de aço do sertanejo.

O caso de Euclides, porém, denota uma complexidade muito mais acentuada, já que lhe envolve o próprio estilo. Aqui, é a ação que se faz verbo, para terem de derrisão o pseudo divino da natureza humana.

Nervoso, matemático, harmonioso, na genialidade evidente de suas linhas, o estilo repentina-lhe, cheio, zando-as, as modulações emotivas do temperamento versátil, a espraiar-se em lances repentinos.

Entanto, certa crítica realmente oniciente — depositária única da verdade, — na figura quixotesca dalguns moleques de redação, malsina-lhe o pretenso nefelibatismo, o exagerado preciosismo, qual triste legado duma corrente ibérica que em Góngora pontificou. Quando, na verdade, o que havia era o culto da boa linguagem, isto é, o emprêgo de vocábulos que tragam precisão, clareza, nobreza, propriedade e elegância, para maior realce da língua escrita.

Outros, ainda, empresta-lhe à asserção ressalbos de mordacidade, tomam-lhe o vigoroso e rendilhado do lavor — obra-prima de profundeza e opulência — pelo invio e bravio do cipoal.

E todos êsses conceitos por via de regra engendrados a troche e moche, numa irresponsabilidade que irrita (que os não suporta nenhuma análise serena e convincente), quando não concebidos em visível má-fé e parcialidade, apenas indicam lamentável carência de preparo e ausência de caráter.

Adicione-se, agora, ao exarado a particularidade notável de ter-se em vista o cometimento titânico do estudo do que poderíamos denominar viga mestra da literatura nacional e, de pronto, se nos deparará um claro desajuste de interpretação, devido a fatores vários.

É que Euclides sofria do mal irremediável de ser gênio; vai daí que, na segurança de um vidente, sobremodo se avantajasse aos contemporâneos.

Alheia do pensamento, afeito ao trato dignificante dos livros, não admira que, em sua intensa irrequietude, deixasse ressumbrar uma como indisfarçável decepção ante a necedade ambiente, a patente imperfeição humana, o endeusamento revoltante do medíocre e do injusto.

E êsse paradoxalmente construtivo pessimismo dá-lhe tom à obra, transpassando-a de ponta a ponta, exsurgindo espontaneamente, em meio a efusão verbal, ao sintético da frase comedida, à musicalidade inigualável da disposição adjetiva.

De resto, não há afirmar lhe seja inteiramente alheia à sequência imprevisível da linha geral de idéias, à indomabilidade permanente dos impetos, promanando de íntima indignação, à desconcertante robustez de seu insofismável raciocínio, à inexorabilidade de seus conceitos de crítica, acertados, objetivos, impressionantes.

Euclides foi, pois, um incompreendido. Conquanto o mais completo de nossos homens de letras, o mais nacionalista nos temas, o melhor provido na forma e fundo, a sua obra não na consideraram devidamente. E foi preciso que se editasse os "Sertões" em inglês, francês, castelhano e alemão, para que chegássemos a saber que o Mestre está em pé de igualdade com Dante, Cervantes e Shakespeare.

Sem o vazio dourado dos clássicos de aquém e além-mar, ou a pretensa erudição dos hodiernos paladinos das ciências do homem, o seu beletrismo, como uma nítida geodésica no espaço-tempo da perfeição, alteia-se, soberano, sobrepondo-se aos demais, como, outrora, humano, espontâneo, incomparável, esplendera o lirismo de sua poesia de adolescente.

E assim, hoje, mais que ôntem, o seu extraordinário vulto, ultrapassando fronteiras e mesquinhos regionalismos, dá indícios seguros de projetar-se pelo oceano sem orlas do futuro, qual majestoso e grave testemunho de amor à Beleza e à Verdade, no seio de uma humanidade melhor.

A Coragem de Euclides

Daily Luiz Wambier
(Do Centro Cultural Euclides da Cunha)

A personalidade invulgar do grande Euclides da Cunha já foi focalizada em tôdas as suas faces, pelos intelectuais que me precederam, neste local. Quase nada mais existe para mencionar em tôrno dessa figura exponencial da nossa cultura. Todavia, para encerrar a Semana Euclideana, cumpre-me dizer alguma coisa sôbre o soberbo criador do maior livro do Continente — "Os Sertões".

Um aspecto euclideano, segundo me parece, ainda não foi objeto, nesta semana que lhe é inteiramente consagrada, de apreciação dos meus colegas do Centro Cultural Euclides da Cunha: a extraordinária coragem do emérito estilista em contar a verdade, em escrever sempre e sòmente a verdade. A supina coragem das suas afirmações. O arrôjo do seu feitio intelectual, casando-se harmoniosamente com a pureza selvagem do nosso nacionalismo, para a suprema criação e glorificação da Idéia.

O próprio final do livro é uma indicação dêsse destemor.

Escutai:

"Fechemos êste livro. Cansados não se rendeu. Exemplo único em tôda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na pressão integral do têrmo, caíu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil homens".

(Continua na 4.a página)

A Grande Inspiração

(Contribuição do Prof Edgar Zanoni à Semana Euclidiana)

Quando, eu não sei, mas um dia, a ásc ua da inspiração ardeu em chamas surpreendentemente vivas no cérebro de Euclides da Cunha.

E êsse nome deslumbrante foi o de construir um sertão!... não um sertão obra realmente idêntica àqueles nascidos da fertilidade exuberante do solo, ou mesmo semelhante àqueles natos de terras pobres, castigadas pelas vicissitudes de um clima.

Não era pròpriamente isso.

Longe estava Euclides da Cunha de tentar, das profundezas da terra, um sertão de carnaúbeiras espassas, ou de juremas se derramando em tapumes inextricàvelmente urdidos.

Longe êle de criar um sertão de mariseiros e ouricuris, com a folhagem ora raivecendo contra as lufadas impetuosas das tormendas, ora verdadeiros ieques, em movimentos calmos, brandos, nas mãos da fresca brisa.

Longe também de um sertão de caraíbas e baraúnas, lançando sombras amigas por sôbre o relvado dos vales.

Também não um sertão, espesso da mais variada ilhagem, imenso de território, e por cujos taboleiros as emas velozes, por cujas picadas os esquilos ligeiros por cujas lapas as lebres assustadas e a respiração ofega das corças fugitivas.

O seu sertão seria um livro... Biografia perfeita e completa do sertão da Natureza! Não uma cópia morta; mas cheia de vida, através da flexibilidade e elegância da frase, harmonia de expressão e dinamismo da argúcia e da cultura.

Essa a idéia; e ela estava lançada. Agora o trabalho de transformá-la em realidade. Seria um esfôrço notável, pois, para dar-lhe a evidência das coisas concretas, urgia conhecimento de geólogo e paciência de observador; imprescindível o arrôjo e a prudência das mais complexas indagações, a par da imparcialidade de historiador e conhecimento de cartógrafo.

E por último, fundindo tudo isso num todo único, a cultura do idioma e a sublimidade do estilo!

Quantos se acovardariam diante do empreendimento...

Mas Euclides da Cunha não tremeu nem vacilou. A iniciativa era gigantesca, mas a verdade é que ela fôra concebida por um gigante!

O sertão da Natureza tem por pai o líquido das nuvens e por mãe a terra.

O sertão de Euclides da Cunha teria também progenitores: mãe, a imaginação fertilíssima; pai, o ubérrimo talento.

Mas a Natureza possui um mundo de recursos para formar o seu sertão. Euclides da Cunha só a palavra e com ela fêz o milagre...

As palavras repontaram no solo da imaginação do escritor, e graças à sua erudição, floresceram; floresceram em descrições maravilhosas de quadros e paisagens; se adensaram em bosques de explicação sôbre os caracteres geológicos, topográficos e de outros agentes físicos, que atuam na formação dos sertões; se espessaram em florestas panorâmicas, onde a exatidão das perspectivas, onde a fidelidade dos pormenores, a audácia das previsões...

E não foi só: Fez ainda ressoar, no âmago das florestas, a sonoridade argentina dos regatos ou o ruído cavernoso das catadupas; encheu as picadas com o estrépito de animais em fuga; fez ecoar nas mucegas o rugir de feras e aos capões e lugares próprios às embocadas, fê-los estremecerem com gritos de mêdo e gemidos de morte; e, num último esfôrço, fez romper, dentre as caatingas, fusilarias cerradas e mortíferas, com que os jagunços recebiam os invasores de suas terras...

E assim surgiu "Os Sertões", um dos livros mais festejados da literatura universal. E Euclides da Cunha, de modo diferente, porque Euclides da Cunha deu à obra tudo o que podia dar: o cabrinha, a erudição, a psicologia do seu espírito, a ardência do seu temperamento.

Em "Os Sertões", os ouricuris ramalham aos sopros de sua irrequietude; os capoais se torcem, se enrolam, se confundem, como sob os efeitos dos seus impulsos nervosos; a enorme de terrível, que burburinhas lembram o perfume da sua vivacidade; lêsse na rigidez dos troncos a fibra do seu caráter severo, nos olhos das sussuarunas, em busca de repasto, há o brilho de sua argúcia; até nas flores dos umbuseiros e nos animais de pequeno porte existe um pouco dêle, nestes, os estremecimentos da desconfiança; naqueles, o colorido de sua alma sonhadora...

Hoje, Euclides da Cunha está morto. Mas quando nos introduzimos em "Os Sertões", levando a lâmpada da leitura, não é a natureza que encontramos... é Euclides da Cunha!

Sim, porque no volumoso livro tudo fala nele e por êle, desde as "quixabeiras de fôlhas pequenas", até os "mulungús rotundos, à borda das cacimbas cheias"; desde "as sarcóias que cantam lamentosas nos balsedos" até as disparadas, pelas tigueras, dos queixadas de canela ruiva; desde a entrada dos expedicionários governistas em Monte Santo, até o grito fanático de "Canudos" em guerra!...

Finalizando, eis um conceito sintético sôbre um livro e um escritor:

"Os Sertões" — um monumento!

Euclides da Cunha — um gênio!".

OOO—

Euclides, o Telúrico.

NEWTON DE SOUSA E SILVA

Euclides da Cunha não foi apenas um homem, semelhante ao de muitos outros sêres humanos, que carregam pelo mundo a marca de sua idiossincrasia pessoal. Êsse homem desfavorecido pelo físico, portador de taras recônditas que explodiam em catadupas de revolta, temperamento vulcânico que desprendia chispas de fogo, verdadeiro Prometeu acorrentado aos grilhões da tragédia universal, foi o gênio de uma época, a expressão espiritual de um povo em formação, o sentido de auto-suficiência intelectual de uma nação nova, que anciava por se libertar de velhas fórmulas importadas, que se rebelava contra a aceitação convencional de regras clássicas, cuja fôrça retirada unicamente da tradição exterior não possuia o calor da terra virgem, nem o colorido original da paisagem ensolarada.

Euclides foi o escritor da gleba, a pena que tinha o sabor acre da terra, o aroma cálido do clima, a seiva inesgotável das raízes profundas. Seu estilo retratou sua euforia e admiração diante da brutalidade e o esplendor da natureza americana. "Os Sertões" vale por tôda sua obra. É poema e epopéia. Poema ao descrever o cenário rude, mas magnífico das selvas brasileiras, onde o autor viveu as mais belas horas de sua existência criadora. Epopéia ao fixar para a eternidade, o drama do homem nativo, vítima da ignorância do meio e do desamparo em que os deixaram seus irmãos mais favorecidos, infelizes sertanejos, transformados pela inércia dos poderes públicos, em verdadeiros párias, reunidos sob a impulsão de seus instintos em tôrno de uma fé primitiva, mixto de superstição e temor.

A obra de Euclides é ainda o libelo candente e sentença irrecorrível, grito de protesto contra o crime coletivo que se cometeu em Canudos e a voz da justiça que decidiu perante o tribunal da história, pela condenação de uma sociedade frustrada nos seus desígnios de progresso e de realizar os seus fins de catequese.

Euclides, foi assim, legítima glória espiritual do Brasil. Como prosador, foi o mais, Como Castro Alves o foi da poesia.

Plasmando sua obra sob a inspiração de motivos humanos legítimos, temperando a prosa, trabalho semelhante ao que Gonçalves Dias realizou na poesia, ao cantar a glória do aborígene e a grandeza do seu solo natal.

Euclides foi ainda sociólogo arguto, filósofo escolástico, e analista científico dos fenômenos naturais, como observador estudioso dos fenômenos sociais, mestre da frase erudita, como artista criador de ritmos imortais. Seu estilo ora se enfeitava de imagens sonoras e ruidosas, ora se comprimia na simeridade de conceitos simples e humanos da realidade vivida e sentida. Às grandes enseadas de tranquilidade, sucedia-se frequentemente o frêmito de clamores incontidos, em reações de estilo vetorício. Daí o fato de Joaquim Nabuco ter dito que êle escrevia com cipó...

No momento em que se reverencia sua memória em todo o Brasil, ganham as comemorações, como esta que lhe dedica o Centro Cultural Euclides da Cunha, significação especial e excepcional, pelo seu sentido eloquente de desagravo. Não interessa à Nação o quadro da vida íntima do escritor, salvo como reflexo do moral de pedante ante o infortúnio. Euclides colocando-se acima da média comum dos homens, não apenas ser biològicamente um homem comum, de existência plácida e suave, vivendo para a satisfação normal do seu padrão de vida, mas, pelos elementares e necessidades costumeiras. Aliás neste vasto laboratório de psiquiatria que é o mundo, Euclides, por certo, não estava só, não suas crises de angústia e complexos depressivos. Si êle foi um homem de exaltado temperamento marcado de altos e baixos, um tipo esquisito, como o definiu Barreto de Menezes, nem por isso, sua obra deixa de ser o monumento imperecível, onde a marca do gênio deixou traços de eterna e inapagável beleza.

O imenso sofrimento de Euclides deve merecer o respeito e a consagração comovida do Brasil. Perseguido pelo infortúnio, no lar e na sociedade, até a morte, mirando-se no exemplo dos sertanejos de Canudos, que sua pena descreveu, Euclides não se rendeu, igualmente; morreu lutando, como em vida o fizera para vencer a adversidade!

Exemplo luminoso de sacrifício que mais exalça a sua glória, perante a Pátria que o compreendeu e prosseguirá fiel à sua memória!

(Palestra proferida em 11 de agôsto de 1950, na PRJ-2, no programa comemorativo de Euclides, pelo dr. Newton de Sousa e Silva).

O CIVISMO DE EUCLIDES

CYRO EHLKE

Vários e distintos são os aspectos por que sempre poderemos estudar a EUCLYDES e à sua obra em favor da nacionalidade. E, em assim procedendo, nele veremos, primeiramente, a autodidata, para verificarmos, após, as saliências conjunturais que nele revelam, mais abundantemente, o escritor de galvânico estilo, o matemático, o geógrafo, o patriota, o antropologista, o socialista, e químico, o cientista, enfim. E, se muito mais nos aprofundarmos no estudo do seu gênio e perfil, encontraremos ainda, de por um u'a noção exata do cumprimento do DEVER, de um viver moral à tôda prova, de um natural e extremoso zêlo à família, encontraremos, ainda, o HOMEM em si, suas atitudes desassombradas no devotamento à terra que lhe servia de bêrço, o PATRIOTA, enfim.

As particularidades pessoais, do vencedor de acidentes no engenheiro de alta nomeada quer no cientista, ou no HOMEM em si, foram dirigidas no campo de estudos e proporcionado investigações das mais admiráveis, lucubrações das mais elogiáveis. Porisso mesmo e pela curiosidade natural dos bons incluindo, que se a tempo reverenciado, de tempos para cá, a memória de EUCLYDES, procurando-se-lhe melhor entender a idéia e a obra, levando-se-lhe, de avançada, os elevados propósitos, ao dar-se empenho em buscar, nos sádios ensinamentos do passado e de suas figuras mais proeminentes, inspiração fecunda, para melhores e mais amplas realizações do futuro. EUCLYDES é o exemplo nacional mais admirável, em o qual poderemos buscar um manancial de ciência e de sabedoria, de civismo e de moral, de fraternidade e de renúncia, de dimento. Outro, entretanto, e também saliente, é o aspecto por que nos propomos a estudar EUCLYDES e que, por resultar de tôdas as particularidades pessoais do escritor, a que imprimiria as diretrizes mais salientes do seu proceder, seria, por certo, aquela mesma, que, muito freeuentemente, cohundiria a tôdas as outras. O CIVISMO DE EUCLYDES.

EUCLYDES, nos repostes de revolta para com o meio e suas coisas, nas mais impulsivas de suas atitudes bem revelou possuir mais que inatas, em si, as particularidades próprias a quasi todos os homens: um pouco do civilizado e um pouco do bárbaro. Em frêmitos de indignação, que nele bem revelavam o HOMEM DE ATITUDES, testemos vida, uma vez, EUCLYDES revolucionário e altivo, ao indisciplinar-se, quando oficial da nossa Academia Militar, contra abusos do regimen MENTE, vendo que de nada mais adiantaram, CALMA E PERSUASÃO, arranca do revôlver e, mandado os amotinadores em mira, obriga-os a prosseguir viagem. E o consecue, e confirma assim, encontrar-se à nascente do dito rio, do lado brasileiro.

Belas páginas de civismo, essas escritas por EUCLYDES DA CUNHA, em meio a ambientes antagônicos e em face a surpresas inesperadas. Não tem o patriotismo de bôca, mas o patriotismo de ações, quando essas se fazem sentir necessárias. E o Brasil de nossos dias bem o tem compreendido. Quando lêsse ou fale em EUCLYDES DA CUNHA, o festejado autor de "OS SERTÕES", obra enaltecedora da rigidez do nosso sabocle, lembra-se nele, não sòmente o erudito, o sábio, o estilista, o sociólogo, o antropologista, mas, ainda, o patriota que foi.

E, ao ocupar, hoje, êste microfone, dando colaboração à série de palestras programadas pelo Centro Cultural Euclides da Cunha, no sentido de fazer melhor conhecidas a vida e a obra de EUCLYDES DA CUNHA, a imortal autor de "OS SERTÕES", fazemo-lo bastante emocionado, por acreditar que a contribuição que daríamos, ainda que mínima, de que fôsse, enfeitaria-se, não entretanto, algo de sincero e espontâneo, no que tangê à apreciação do vulto de homem incomparável, em sua pessoa, de EUCLYDES DA CUNHA, êsse mixto de CELTA, DE TAPUIA E DE GREGO...

(Palestra proferida ao microfone de PRJ-2, a 10-8-50).

Metamorfosis

Los dueños infinitos del camino
que destrozan el alma del humano
nos traen como el don más soberano
la conciencia que nos da lo divino!

Despiertan el espíritu villano
igual que en el zorzal el dulce trino
Y abuyentan de su ser la matutina
angustia que lo lleva de la mano!

y los fantasmas que como neblina
oscurecian su más noble herencia,
se disuelven en el espíritu reflejo
de la nueva visión de su conciencia.

CLOTILDE C. DE FERES
Intelectual Uruguya).

* * * *

Una Vez

Un día oí su voz tan melodiosa,
un día, nada más, en mi existencia...
¡Qué triste mi aventura dolorosa!
¡Qué triste la tortura de su ausência!

Yo anoro la tibieza de sus manos,
yo anoro sus sonrisas y sus labios.
Extraño sus encantos tan lozanos,
extrano su cariño sin reashos.

Tal vez a mi camino vuelva un día,
tal vez se me haya ido sin regreso...
! Mas siempre la querré cual la quería!
Mas siempre evocaré su único beso!

EDUARDO A. VALDOVINOS
(Argentino)

O Sentido das Comemorações Euclidianas

Senhoras, Senhorinhas, Senhores Ouvintes, Boa Noite!

Continuando o ciclo de palestras sôbre Euclydes da Cunha, venho a êste microfone, com a alma transbordante de júbilo, dizer algumas palavras concernentes à sua figura de bandeirante do estilo literário brasileiro.

Em 1888, terminada a Campanha de Canudos, em que foram exterminados Antônio Conselheiro e seus jagunços rebeldes, Euclydes da Cunha, que acompanhou todos os movimentos militares como correspondente de guerra, foi até São José do Rio Pardo, no Estado de São Paulo, construir uma ponte sôbre o rio Pardo, a convite do Govêrno.

Euclydes era engenheiro militar; atraído-no os segredos da Matemática, como também o atraíam as selvas brasileiras que se perdiam num ignoto fim de mundo. São José do Rio Pardo ficava em meio à Natureza maravilhosa, quem lá vivia, levava uma maneira de viver diferente dos que moravam nos setores apartamentos de seguro andar dos capitais. Euclydes preferia, às cidades grandes turbulentas e amaluculadas, o convívio direto com a Natureza virgem dos selvas e dos campos; sentia-se mais à vontade no jardim que nas cidades do Brasil.

A antiga ponte tinha sido levada pela última enxurrada; era de madeira, velha e já apodrecida, necessitava pelo menos o monótono roçar das águas. Quando Euclydes trazia em sua mala apontamentos e mais apontamentos que lhe serviriam de base para um livro que pretendia compôr enquanto descansava das esfalfantes lides diárias. E, ao lado do rio, desaíxo de frondosa árvore, foi construída para êle uma choupana, que lhe serviu de escritório diurante três anos.

E, dia após dia, enquanto a ponte estava sendo construída, êle, debruçado sôbre uma tôsca mêsa de madeira também feita às pressas, noutra obra trabalhava, que êle esperava ser também indestrutível como a própria ponte metálica do rio Pardo.

Baseara-se em tudo o que vira na Bahia, quando da luta contra Antônio Conselheiro: os tipos característicos da região, as encruzilhadas lutuosas, o heroismo dos últimos jagunços e outros mil pormenores.

Afinal, passados três exaustivos anos, em 1901, terminava Euclydes da Cunha um dos maiores monumentos técnicos de sua época, ao mesmo tempo que punha ponto final na última frase de seu livro, que veio a ser publicado no ano seguinte, sob o sugestivo nome de "Os Sertões". Nasciam, pois, do mesmo cérebro fértil, dois irmãos gêmeos que iriam deslumbrar o mundo. Dois irmãos que transpunham uma barreira, abrindo caminho para as futuras gerações. A ponte, aliviando o peso do caminhante exausto; o livro, sufocando a ignorância, mostrava ao povo brasileiro uma parte do Brasil imenso que êle não conhecia — o sertão bruto com sua rústica beleza.

"Êsse livro" — é Euclydes quem o afirma — "é irmão gêmeo da ponte de São José do Rio Pardo". E, vamos e venhamos, êle tem tida a razão.

Edições e mais edições foram vendidas num abrir e fechar de olhos. O povo rio-pardense, em domingos de estio, ia sentar-se à sombra das árvores que beiram o rio, a se entreter na leitura de "Os Sertões", enquanto olhava, deslumbrado, para a maravilha feita realidade que Euclydes deixara ao saber do tempo e que êste não haveria de destruir, como o faz, inclementemente, com as coisas vãs que a Vida nos dá.

E o Brasil reconheceu em Euclydes um gênio!

E, desde 1912, três anos após sua morte trágica, assassinado quando defendia sua honra, o povo rio-pardense reverencia a memória de Euclydes na semana de sua morte, de 9 a 15 de agôsto, dia de seu inesquecível trapaçase. Todos os anos elegem a São José do Rio Pardo, provindos dos mais recônditos recantos do país, legiões intermináveis de admiradores, delegações de intelectuais transformados em peregrinos, milhares de curiosos... todos em busca de lugares por onde andou o grande apóstolo das maravilhas do sertão, onde viveu o grandiosamente humilde bandeirante da literatura brasileira que, com seu estilo irreqüente e aliteraçam, "retorcido como cipó" segundo Joaquim Nabuco, descreveu a desconhecida beleza do interior brasileiro.

Cada ano é um incentivo a mais; os peregrinos aumentam ano a ano, à medida que a fama de "Os Sertões" e de seu grande pai crescem, estendendo-se ao infinito, sem que barreira alguma se interponha em seu caminho.

OOO

Êste é o sentido, o imenso valor das comemorações euclidianas

— Prestigiar a memória do maior escritor brasileiro, o maior sem dúvida alguma!

Em todo o país formam-se correntes de admiradores seus, de escritores e poetas que crem no seu gênio inolvidável. Em nossa cidade, por exemplo, foi fundado, há três anos, o Centro Cultural que recebeu o nome de "Euclydes da Cunha", a mais homenagem que os homens de letras da Princesa dos Campos poderiam lhe prestar; e, indubitàvelmente, é o melhor patrono que êles poderiam ter.

É por isso que nós, do Centro Cultural "Euclydes da Cunha", aliando-nos aos demais admiradores, abrimos também nossos corações, para deixar entrever o sólido que alenta nossas almas! E, vendo coroados de pleno êxito nossos desejos, sentimo-nos intimamente satisfeitos como aquêle soldado que, mesmo ferido, defendeu sua Pátria enquanto pôde, com o coração alegre por estar cumprindo o seu dever! Assim nós, como aquêle Soldado Desconhecido, nós, lutadores embora humildes, nos alimamos nos reconhecidamente da glória imperecível de Euclydes da Cunha, o mais brasileiro dos escritores brasileiros!

Ponta Grossa, 9 de agôsto de 1950.

OTTOKAR HANNS
(Do Centro Cultural "Euclydes da Cunha").

Notas e Notícias Culturais

MUSEU DOS CAMPOS GERAIS

O Centro Cultural "Euclides da Cunha", como é do conhecimento de todos, inaugurará, dentro de poucos dias, o Museu dos Campos Gerais, que é uma das dependências da prestigiosa entidade.

Constará o mesmo de três departamentos: antropológico, geológico e entomológico, respectivamente dirigidos pelos srs. Dr. Faris Antônio S. Michaele, Frederico Waldemar Lange e Felippe Justus.

COMEMORAÇÕES EUCLIDIANAS

Homenageando a memória de seu auguro patrono, o Centro Cultural "Euclides da Cunha" promoveu, pela estação de rádio local, uma série de palestras, que se estenderam de 6 a 13 de Agôsto, estando a cargo dos seguintes intelectuais: Dr. Faris Antonio S. Michaele, professor Egidar Zanoni, sr. Oswaldo Nascimento, sr. Ottokar Hanns Hoeldtke, sr. Cyro Ehlke, Dr. Newton de Souza e Cuva, Dr. Mário Lima Santos, sr. João Alves Pereira, sr. João Batista Muzzolon e sr. Daily Luiz Wambier.

Alguns dêstes trabalhos figuram no presente número.

CONFERÊNCIA DO SR. MAJOR MURILO DE BARROS

Têrça-feira última, dia 22 do corrente, no auditório do Colégio Estadual Regente Feijó", às 20 horas, realizou-se a esperada conferência do sr. Major Murilo de Barros, uma das mais brilhantes expressões da nossa oficialidade, e vice-presidente do Centro Cultural "Euclides da Cunha".

Presentes os srs. Coronéis Silva Paranhos e Aristides Penteado, respectivamente Comandante e Vice-Comandante da 13.o Regiãopolícia de Infantaria, bem como os srs. Representantes do Rádio, Imprensa e demais sociedades culturais, e aberta a sessão pelo sr. Presidente, Dr. Faris Antonio S. Michaele, que passa a palavra ao insigne conferencista, o qual desenvolve eruditamente o tema "Estados Unidos e Brasil — Paralelos da sua Evolução".

Durante quase uma hora, discorre o ilustre sôbre as condições históricas, econômicas e políticas, que presidiram à formação de ambas as nações, tão dissemelhantes entre si.

O seleto auditório não regateou aplausos ao brilho e culto militar, tendo sido o mesmo, repetidamente, interrompido pelo mesmo.

Composto e Impresso por
Montes & Pereira
uma das maiores organizações do gênero no Estado.

Geógrafos Brasileiros:

Torquato Tapajós

Ombreando com os nomes dos ilustres cientistas estrangeiros que, no decorrer da segunda metade do século XIX, ampliaram o nosso patrimônio cultural, mórmente no terreno da GEOGRAFIA, sobressai a personalidade de TORQUATO XAVIER MONTEIRO TAPAJÓZ, apaixonado estudioso da geografia de sua terra, o Amazônas, em cuja capital nasceu, a 3 de Dezembro de 1.853.

Tendo abraçado a carreira de engenheiro geógrafo e dotado de notável espírito investigador, aplicou os seus conhecimentos na solução dos problemas antropogeográficos da Amazônia, sendo considerável a sua contribuição para a GEOGRAFIA DO BRASIL, nesse setor, como o atesta a sua extensa bibliografia.

Dos seus trabalhos de interêsse geográfico destacam-se entre outros, as monografias: O rio Purús, monografia, R. de Janeiro, 1.886; O Vale do Amazônas e Apontamentos para o Dicionário Geográfico Brasileiro do Dr. Moreira de Sá, R. de Janeiro, 1.888, O Amazonas, seu passado, seu presente e seu futuro, conferência realizada na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, 1 896; pois de vulto tosa importância pelo critério das observações meteorológicas; As correntes do Amazonas e o fenômeno das pororóca. R. de Janeiro, 1.896; Subsídios do Vale Amazônico, conferência realizada na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, 1897; Estudos sôbre o Amazonas. Limites do Estado, Rio de Janeiro, 1.895; Estudos de higiene. A cidade do Rio de Janeiro, obra em três volumes e o seu plano-relatório Colonização e imigração — Povoamento do Amazonas, publicado em Manaus pouco após a sua morte.

Grande propugnador da imigração para a Amazônia, procurou evidenciar através de suas gerativas obras, a realidade histórica daquela importante região brasileira, demonstrando a perfeita adaptabilidade do homem ao seu habitat.

Encerrando a segunda parte do seu estudo sôbre a "CLIMATOLOGIA DO VALE AMAZÔNICO", escreve Torquato Tapajoz: "Trabalhemos todos para dotar nossa pátria com todas as grandes reformas que preparam as nações para as festas do futuro; abramos o nosso seio ao estrangeiro; demos-lhe todas as possíveis regalias — com os ensinamentos e conselhos que se fazem necessários à sua perfeita adaptação ao nosso meio; estudemos nossa pátria e mostremó-la aos olhos de todos como em verdade ela é: só assim teremos cumprido o nosso dever. Temos concluído. Se não está escrita a climatologia da província do Amazonas, os seus primeiros delineamentos, pelo menos, estão traçados. Depois de nós, vira quem, como dasseros, saiba aproveitar os elementos que oferecemos, então é que o devido desenvolvimento a tese importantíssima que faz o objeto exclusivo do livro, que estas linhas encerram".

Ainda em pleno vigo de sua capacidade intelectual, faleceu TORQUATO TAPAJOZ no Rio de Janeiro, em 12 de Novembro de 1.897, deixando com o seu abnegado interêsse pela ciência um sublime exemplo, que é um roteiro seguro para os que estudam a Terra em suas relações com o Homem.

CARDOSO DE AGUIAR

Alarme nas Tabas

Certa noite sombria retumbara
Em redor do bucólico arraial
Com visões de macumba horrenda e ignara,
O triste maraca, signo fatal.

Esparzindo centelhas escarlates,
E azuas, por tôda a mata em derredor,
O honrado Piaga, que prédo combates,
Da taba se avizinha ameaçador.

Já pisou no terreiro batido
E a fogueira do centro apagou;
Solta um corvo o sinistro grasnido,
Boitatá na figueira pousou.

— Despertai, ó guerreiros valentes,
Grandes coisas eu venho anunciar:
Vós não vistes coisas elegantes
Lá no ceu, para vos inquietar?...

Ontem, quando os urús a alvorada
Preludiaram nas matas distantes,
Não matastes a Wuhva doirada
De astros mil explodindo brilhantes?

Logo após assomou no firmamento
Aurea estrêla de longa cabeleira;
Os sapos se aquietaram um momento,
E um leão atacs a lua foraste...

Sabeis que significam tais prodígios,
Que avassalam meu peito de tristeza?
Observai das aves os remigios
E os augúrios fatais da natureza.

Pirogas colossais cruzam os mares,
Abarrotadas de infernais guerreiros,
Que vem desmantelar os nossos lares;
Transformar os heróis em vis roceiros...

Já saltaram nas praias do Norte
Os terríveis soldados da cruz;
Doze naus lhes fizeram transporte,
Trazem armas que o raio produz.

Denodados, joviais, aos milhares
Com maneiras de pa vem chegando;
Oferecem machados, colares...
E vão nosso tesouro roubando.

Quando virdes o Intruso na terra,
Envolvei-o em ciladas cruels;
Dia e noite assoalai-o na guerra,
Sem temer o fuzil e os corceis.

Nesse dia esquecei vós ofensas,
Formem todas as tribus um bloco,
E atraindo para as selvas mais densas,
O Europeu massacrai... pouco a pouco...

Se apesar das funestas guerrilhas
O estrangeiro avançar para a frente,
Entregai-lhe estas falas cexilhas,
Procurai o sertão inclemente...

. . . . . .

Talvez algumas décadas decorram,
Até o Luso alcançar esta paragem;
Não esqueçais o aviso — e, antes da morte,
Aos filhos transmiti esta mensagem.

(Fragmento do poema "Tapapiraçú").
RIBAS SILVEIRA
(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha").

TAPEJARA
Orgão do Centro Cultural "EUCLIDES DA CUNHA"
Diretor: Faris Antonio S. Michaele.
Secretário: Daily Luiz Wambier.
Gerente: João Alves Pereira.
REDATORES: Diversos.
REDAÇÃO:
Caixa Postal, 337
Ponta Grossa — Paraná
BRASIL.

Raça Tupí

Raça nobre de heróis e de guerreiros,
Alcandorada no furor da guerra,
Ela na História sem par da Terra,
A herança varonil dos brasileiros!

Estirpe dos brasis aventureiros,
Cujo valor titânico se encerra
Nos mares, nas florestas e na serra
Que tanto amaste em sonhos condoreiros.

Teu sangue de Tátis, sangue de bravos,
Que não pulsa nas veias dos escravos,
Canta os feitos de Fôrça e Heroicidade!

Bendita sejas, pois, Raça de Eleitos,
Hás-de viver cantando em nossos peitos
Os cânticos de amor à LIBERDADE.

ADALTO G. DE ARAUJO
(BRASILEIRO

NOSOSTROS America

Elije en mis sentidos tu alborada
que ya en tu cuerpo haré mi meridiano.
"Amada en el Amado transformada".

Refrenda en este cielo de mi boca
el génesis cordial de nuestra vida,
"Amada en el Amado transformada",
y ahora al ciperamos convencidos
que todo el horizonte es afán esencia
de nuestras percepciones de harmonia
en caminos antipodas aunados,
"Amada en el Amado transformada".

Seguros en la tierra, ven, plantemos
a nuestros pies al par que nuestras aienes
un sistema solar nos inauguren,
Amada dulcemente transfundida.

Estaremos profundos y perpetuos
pues todo nace, existe y se avigora
en nuestro pensamiento que nos vive,
"Amada en el Amado transformada".

G. HUMBERTO MATA
(EQUATORIANO)

! Maravillosa Tierra Americana!...
Florecen en tus campos opulentos,
cual gavillas de luz, los Pensamientos
que serán gloria de la Estirpe humana...

La Aurora del Amor no está lejana,
que ya, bajo tus claros firmamentos,
arrastra un huracán de nuevos vientos
los victoriosos cantos del Manana!

! América, destroza tus fronteras,
y alza, con mano firme, tus banderas
en la apretada radiación de un haz

que así, bajo tus cielos triunfadores,
han de formar, unidos, sus colores
un Arco-Iris de Ventura y Paz!

CARLOS ALBERTO FONSECA
(POETA PERUANO)

TAPEJARA

Ano I — Ponta Grossa, 3 de setembro de 1950. — N.º 1

A Coragem de Euclides

(Continuação)

Veja-se, ainda, êste trecho de "Os Sertões" que vale por nova demonstração de coragem: "Insulado no espaço e no tempo, o "jagunço" só podia fazer o que fêz — bater, bater terrivelmente a nacionalidade que depois de o enjeitar cêrca de três séculos, procurava levá-lo para os desfiladeiros dos nossos idade dentro de um quadrado de baionetas, mostrando-lhe o brilho da civilização através do clarão de descargas".

OOO

Tôda a obra euclideana, de outro lado, constitui notável esfôrço, do qual a sua coragem nunca se afasta, em favor do que poderíamos denominar de nacionalização do pensamento brasileiro.

Ligeiros Aspectos

DA OBRA LITERÁRIA DE EUCLIDES DA CUNHA

JOÃO ALVES PEREIRA
(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

Nesta semana em que, pelo microfone da simpática emissora PRJ-2, se presta justa homenagem ao "mais nacional dos nossos escritores", segundo é definido Euclides da Cunha por um intelectual brasileiro, o "Regente Feijó", região da mocidade estudantil do Colégio Estadual "Regente Feijó", desta cidade, também vem trazer a sua mensagem de respeito e de admiração a quem bem alto elevou as letras desta querida pátria.

É sabido que a gente de colégio vive, durante o período dos cursos ali ministrados, em estreito contato com idéias as mais literárias e os escritores que mais se sobressaem pela beleza da forma e pelos primores dos pensamentos.

Eis por que se pode comparar a gente que estuda a essa personagem que, penetrando em uma joalheria em busca das prendas que a arte oferece, aí se lhe apresentam diversas monturas requisitadas de pedrarias finas, estabelecendo, de momento, séria dúvida ao que mais admirar ou preferir. Mas há sempre algo que exerce maior atração. Pertence à monstra dos autores contemporâneos. É uma joia de refulgente brilho e facetas esquisitas e que trar a denominação de Euclides da Cunha.

Sim, Euclides da Cunha justifica a inconfundível atração que exerce, pois seu brilho transpõe os limites da pátria, projetando-se nos meios da intelectualidade internacional.

Ele apresentou com a sua colheita esta prima "Os Sertões", assunto inteiramente desconhecido para a quase totalidade do país. Aquele trabalho, que tanto é narrativo e descritivo, quanto científico e didático, veio mostrar ao Brasil e ao mundo que se ignoravam, uma região por vários séculos esquecida e cuja terra e homem pouco ou nada o meio. O assunto foi que ali se denuncia encontra apôio seguro em outro trabalho de Euclides, intitulado "Da Independência à República", de seu livro "A Margem da História", onde comenta e discute os grandes erros que traçaram os limites das fronteiras do país, os quais, por desconhecerem as regiões e por indiferença dos departamentos competentes, desaparecem, tornam-se problemáticas e até mesmo, versas e retas imaginárias.

Afirmava Euclides, então, que o problema da organização do território a diplomacia resolveu, com o argumento sólido da razão, quanto ao que se prendia aos nossos patrícios — "Distanciava-os — dizia — indivíduos com destinos diferentes", foi preciso um "Cauudos" para clamar a todos os corações que, se o "Brasil era amplo demais", nem por isso seus filhos das regiões estéreas e longínquas deixavam de receber os benefícios da civilização.

Conquanto sua obra marcasse desde o início uma época na literatura nacional, Euclides da Cunha não se quedou passivo, absolvido pela glória. Continuou seu trabalho sempre com a mesma norma de severidade e no mesmo estilo que criara, isto é, se o comentador criterioso que apreciamos nas páginas de "A Margem da História" e de "Contrastes e Confrontos".

Estas duas literaturas atestam, acima de tudo, que o comentador de homens e fatos, dedicava perseverante atenção aos acontecimentos de todo o país e a todos os setores da atividade humana. Ainda, erudito como era e exímio manejador da pena, tanto sabia conciliar a pretensão expansionista de Napoleão como sabia, ao mesmo tempo, apontar a maravilha desse físico-pérfito até Newton. E nesta proposição, é admirável a agudeza como demonstra que a mais perfeita das ciências, mesmo com a aplicação das leis severas da geometria planetária e seus mais recentes aparelhos, ainda se achava vacilante para determinar vários fenômenos da mecânica celeste, tal como aqueles dos anéis e seus volúveis. Mas, opinava êle, neste caso, nenhum insucesso poderia desmerecer a gloriosa tenacidade dos cientistas consagrados em alargar a concepção do cosmograma.

Como crítico Euclides se revela tanto rigoroso analista quanto profeta. Os homens, por exemplo, não escapavam ao seu poder de análise e se revelavam pela sua parte mais fraca: sua realidade.

Todos que leram, após a conflagração de 1914 a 1918, o estudo que êle fez e foi publicado em 1907, sôbre Guilherme II, tiveram a sensação exata de que naquelas páginas estava prevista, com antecipação de 7 anos, a catástrofe bélica em que se haviam de comprometer todos os dogmas da civilização de mais de um continente.

Estas rápidas considerações traçadas em tôrno dos trabalhos do grande erudito é humilde testemunho de mais um patrício empolgado por êsse monumento "cujo rastro se carou nos anais da literatura nacional. Coelho Neto, um dia, ao ler, entre copiosos rios de louvores e, com o dobar dos tempos, se ha de ainda alargar para contar oceanos".

E tenham êstes ligeiros aspectos estudados da obra literária do ilustre brasileiro, acolhida simpática por parte dos homens de letras que ocuparam êste microfone, durante a "Semana Euclideana", e a direção do jornal "Regente Feijó" ficará grata e lubilosa, porque sente, também, que do grande coração de Euclides da Cunha se poderá ver a tolerante expressão do Mestre da espiritualidade com esta bondosa recomendação: "deixai vir a mim os pequeninos" — é êstes seriam os pequeninos de espírito e de erudição.

Recordando...

OMAR L. GONDIM
(Do Centro Cultural Euclides da Cunha)

O passado é triste, cheio de aspectos variados, repleto de emoções.

Sinceridade, sei, talvez exista alguém que diga exatamente o contrário, não importa, o certo, mesmo distintos leitores, é que nem todos assimilam as mesmas idéias, professam o mesmo credo.

O mundo tende à multiplicidade.

Profunda é a sabedoria.

Gigantesca é a experiência da vida.

Longa é a jornada, sérios são os problemas humanos.

Poucos pensam, poucos procuram realizar a suprema obra, — o pensamento máximo do Cristo — PRUDÊNCIA!

OOO

Sim, vejo-o, recordo...

Ele era um tipo simples, diferente, vivia no velho Ceará, chamava-se Raymundo.

Andar sereno, meio curvado, falava pouco, — sempre só.

Senhava!

Nobre poeta, mestre amigo, onde está?

Quero ouvi-lo mais uma vez, sinto-me inquieto, tenho medo.

Fala!

Um dia, há muito, no Ceará, fui visitá-lo.

Morava numa casa antiga, sombria, entre árvores, estilo gótico — herança, supiaz.

Ávido por conhecê-lo, verdadeira veneração, bati...

Apareceu, olhar penetrante, maneiras delicadas, voz suave...

Disse: "QUE DESEJA?"

Fiquei petrificado, não sabia por o começar, pois grandiosa era a sua fama de pensador eminente, de sábio consumado.

Olhava-o, queria comunicar-me, mas tertivel — ó angústia implacável! ...

Gesticulava, — nada.

Ri-se, vendo o meu desespêro imenso, falou:

"Meu jovem, meu amigo, meu irmão ...

Leitores, nunca pensei, êle ensinava, dizia coisas tão elevadas, tão lindas, transportou-me para além de mim mesmo.

Nunca mais esquecí, costumava afirmar: SOMOS OS ÚNICOS PORTADORES DO ETERNO.

Admiro-o, sinto-o cada vez mais.

Caro, amado mestre, quantas saudades!... Quantas!...

Do Ceará, recordo apenas a sua eterna presença.

Hoje, vivo para recordá-lo, sempre!

O passado é triste, é triste porque significa intervalo, afastamento, distância ...

Euclides da Cunha e o nacionalismo de "Os Sertões"

Por OSWALDO NASCIMENTO, comentarista da Rêde Paranaense de Emissoras— Da Academia de Letras José de Alencar — Do Centro Cultural "Euclides da Cunha"

Na hora em que se comemora o quadragésimo-primeiro aniversário de morte do insigne patrono do Centro Cultural "Euclides da Cunha", não é apenas na qualidade de membro daquela agremiação, que venho participar da Semana Euclidiana. Algo maior do que isto — o orgulho de patriota e compatriota de Euclides — acontece-me a engrenagem das idéias, impelindo-me ao dever de prestar-lhe uma sincera homenagem.

Euclides da Cunha operou, na literatura pátria, o milagre da Libertação. A seu tempo, verificava-se o predomínio quasi absoluto de influências importadas, no terreno das Letras. Havia poucas-mas exceções, os escritores pátrios moldavam seus temas na imitação desbragada das idéias parisienses.

As próprias correntes literárias que iai florescerem, não passavam de ramificações mais ou menos fibrosas, de movimentos que se operavam na capital gauleza.

Paris exercia, por aquele tempo, uma espécie de Ditadura, nos domínios da Arte, do Pensamento e da Moda. Tal influência tarnsportava-se fraqueamente, para as nossas fronteiras, mesmo-pois, de cada revistas, folhetos e livros que chegavam para as nossas bancas. O Rio de Janeiro — centro de irradiação de todas as revolucionarismos culturais da época, era, além de tudo, o ponto de contágio da febre endêmica da cópia.

Raros foram, naquele tempo, os escritores que não se deixaram contaiar pelo gênio excessivo da imitação. Entre estes, contavam-se os que, impulsivos e ainda, por um dever ou profissão, fiscalizavam-se das rodas boêmias do Catumbi, onde se reuniam, diàriamente, a fina flor da sociedade lírica carioca.

Que se saiba, Euclides da Cunha não seguiu, em nenhuma época, os passos de seus contemporâneos. Quer literàriamente, quer na vida particular. Nunca se deu aos excessos, nem, muito menos, se deixou a que se entregavam os intelectuais cariocas, principalmente os poetas. E, como literato, Euclides da Cunha, também foi um cultor, ao mesmo tempo, do Pensamento, destacando-se os seus versos pela precisão matemática e pela forma — e mais ainda do ritmo de que os impregnava.

Distanciou-se, portanto, do meio em que vivia. Soube isolar-se do círculo grandioso de seus idealismos, para construir com solidez inabalável a obra que se destinava a atravessar incólume a batalha renovadora dos séculos.

Erigiu sua obra, por isso, sôbre mais sólidos fundamentos, representando a mesma o primeiro marco definitivo de recuperação da consciência literária eminentemente nacionalista.

Deixou poucos volumes. Poderia ter deixado apenas um como Dante com a Divina Comédia, Homero com a Odisséia, Virgílio com as Églogas, ou Camões com os Lusíadas.

Nada perderia em valor o nome de Euclides da Cunha, se sua obra se restringisse apenas ao inigualável estudo que denominou "Os Sertões".

Vemos nesse livro a imagem autêntica da nossa terra; sentimos nesse livro a pulsação heróica do coração mestiço de nossa gente.

O sertão de Canudos algiantava-se no relevo topográfico das serras, na depressão geofísica dos vales, na aridaia pijuca das caatingas, ou na aréstia interminável dos horizontes.

O caboclo nativo, simbolizava-se e retrata-se fielmente na figura central de Antonio Conselheiro, em que se plasmam, na simbiose de personalidades distintas que se ajustam, a indefinita vontade do caudilho e a força magnetística da Crença elevada à potência negativa da Superstição.

O caboclo personifica-se como um ajuste poderoável de fôrças étnicas, no triplo caldeamento de nossa gênese racial. Euclides da Cunha pensa a heterogeneidade substancialística de nossa formação, quando afirma que "não temos unidade de raça. Nem a teremos, talvez, nunca". E, mais próximo, o próprio autor de "Os Sertões", era o produto disperso dessa genealogia escrita-física em que se plasma a nossa característica antropológica.

O brasileiro de Canudos é, no dizer de Euclides da Cunha, um "composto indefinível", "um ponto de resistência recordando a molécula interrante das cristalizações iniciais".

O imortal escritor de "Os Sertões" refletiu-se, positivamente, nesses considerações. Euclides tinha a sapiência exata do nordestino materializando pelos flazelos seculares de sua região. Tinha em excesso, expressão individualizante e atavismo mórbido da angústia, se enraizara no sub-consciente, quotidiano, como uma personalidade era um derivativo da própria terra em que moldara as íntimas concepções do seu espírito. Foi a miséria de um povo ignorante o motivo e fôlga inspiração. O choque pesado de uma condição primitiva, em fase de interpretação objetiva de um povo agrilhoado pela fome, dizimado pelas doenças pela descrença, escravizado pela superstição, e, afinal, genuífexo e obediente como um cordeiro perante a fúria de um salvador — estas foram as razões do seu estudo e arrojo para que melhor pudesse documentar, numa obra de fôlego, a diferença realizada em uma vida considerável parcela da massa inculta de nossa gente.

"Os Sertões" é, por isso, o primeiro livro, ou, melhor, o primeiro marco de nossa independência nos domínios do Pensamento. Profundamente nacionalista, profundamente brasileiro, inimitàvelmente brasileiro, inimitàvelmente humano.

Ao transcorrer o quadragésimo-primeiro aniversário de morte de Euclides da Cunha, nada mais grato para a sua memória, que a evocação de que, realmente, foi o mais de todos os estilistas e o mais fecundo e patriota dos nossos escritores.

Ponta Grossa, 8-8-1950.

A Cultura Alemã

LAURO JUSTUS

Agora que se diluem as últimas consequências psicológicas da conflagração que abateu a Alemanha, é oportuno dar nosso reparo aquilo que sempre teve lugar de honra no julgamento das inteligências de escól:— refiro-me à cultura alemã. Lamentàvelmente, nos períodos de guerra, é fácil a confusão entre a vida política e cultural de um povo, generalizando conceitos que de nenhum modo se deveriam confundir. Merecedora de crítica que tenha sido a nação alemã, sob o ponto de vista político, digna de nossa mais profunda admiração ela é considerada pelo prisma cultural. Poucas, ou antes, pouquíssimas nações contribuíram com igual quinhão para o progresso da humanidade, progresso espiritual antes de tudo.

Nenhum povo tem um axioma dizer-se que o germânico é fàcilmente sujeito à obediência, embora à uma autoridade despótica, mas quem assim o diz não lembra ter sido um alemão, durante a idade média quando o poder do papado era incontroverbido e brânico, que lançou suprema coragem de rebelar-se contra essa tirania, criando uru cisma religioso; fêsse homem que não admitia a submissão ao pensamento de um seu semelhante, mesmo se dizendo investido de autoridade divina, chamava-se Lutero.

Foi igualmente na velha Germânia que desenvolveu-se com mais ímpeto a idéia do socialismo; não nos esqueçamos que Karl Marx e Engels eram alemães e na Prússia, de onde se propagaram as suas concepções, as quais só por uma incongruência histórica e premeditada distorsão poderiam ter sido perfilhadas por uma ditadura, como o foram.

Outro expoente do liberalismo e da independência de opiniões e a figura ímpar do maior literato de língua alemã, de seu poeta máximo, Goethe, creador do "Fausto", poema cuja exegese, ainda hoje, pede o concurso de grandes pensadores.

Passando para outro setor, e êste intensamente representativo da vida cultural de um povo, consideremos as artes e destas a sua filha dileta, a música. No seio de nenhum outro povo floresceu tal messe de gênios musicais, sendo pelos valores menores — e como são grandes êsses menores! — Bach, Mozart, Gluck, Schubert, Mozart, Brahms, Schumann, Wagner, detenhamo-nos na figura desse gênio solitário, dêsse rebelde divino, dêsse Himalaia da arte, do qual se pode dizer é uma síntese da mais evoluída civilização: referimo-nos a Ludwig van Beethoven cujas sinfonias, particularmente a Nona, constituem um patrimônio artístico de extraordinária valia que não é apenas alemão, mas de tôda a humanidade. Do Beethoven disse um de seus críticos: "os que viereem depois de Beethoven não chegaram mais longe do que êle porque, como precursor, êle deteve-se precisamente onde a arte e o pensamento fazem alto".

Tal a riqueza de gênios musicais alemães que foi um dêles, Haendel, o renovador da música inglesa, sendo considerado pelos britânicos como o mais inglês de seus compositores.

Êste rápido bosquejo dá apenas uma impressão atenuada do significado que tem a participação alemã no progresso espiritual do homem, político e artístico, e um povo como êste é credor do respeito que lhe tributam as inteligências lucidas, todos aqueles para os quais a vida do espírito constitue a razão mesma da existência.